



CCIDENTENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno. 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entree	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1122	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	6950	120	28 de Fevereiro de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	6950	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	6950	120		

CHRONICA OCCIDENTAL

Reabre amanhã o Parlamento, e afirma-se que uma das primeiras propostas de lei que lhe vae apresentar o Ministro da Fazenda será a que suprime o imposto do consumo para alguns dos principaes generos alimenticios.

Verdade ou não, não vae a chronica mais longe em busca do seu assumpto.

A riqueza publica no nosso paiz tem augmentado de um modo consideravel desde 1850, sendo certamente a causa d'esse augmento os grandes melhoramentos materiaes, taes como os caminhos de ferro, novas estradas, e outras iniciativas que nos vinham indicadas das nações mais progressivas, melhoramentos esses que nos absorveram uma parte importante dos oitocentos mil contos da nossa divida publica; mas é tambem evidente que a compensação do trabalho não corresponde áquelle augmento, ficando muito áquem do acrescimo de sacrificios que demandam as exigencias da vida actual, havendo um deficit enorme representado em um sem numero de privações para as classes pobres. E quando dizemos classes pobres, devemos entender que o são todas aquellas que não conseguem equilibrar o dinheiro que percebem com o dinheiro que lhes reclamam as necessidades proprias e as da familia.

Um povo depauperado é um povo infeliz, dizia um dia João Franco em pleno parlamento, acrescentando que esta afirmativa importava o reconhecimento da obrigação inadiavel de se provêr de remedio a uma tal situação.

De facto é assim. Se aos governos compete a acção reguladora da vida economica do Estado, por igual é função sua promover o bem-estar d'aquelles de que se socorre para acudir ás necessidades da gerencia do paiz, isto é, d'aquelles que trabalham e que constituem a grande massa da nação. Assim se entende e se pratica nas nações avancadas.

Bismark, em 1881, lia do Reichstag uma mensagem de Guilherme I em que este dizia que tinha como um dever recomendar ao parlamento o bem-estar dos trabalhadores. Essa mensagem continha em germen a formula que ia desenvolver uma serie de leis successivas, atinentes á protecção do operario na doença, nos accidentes do trabalho, na invalidez, na velhice.

Não está em absoluto completa a obra intentada por Guilherme I, mas são já grandiosos os resultados obtidos. No entanto Guilherme II, não obstante achar-se um pouco desiludido sobre a acção da lei social contrariando os progressos do socialismo, noutra mensagem ao parlamento ainda ha pouco dizia ser sua firme vontade que a legislação do paiz «se inspirasse sempre da idéa da protecção, aos fracos e aos necessitados.»

A propria Russia, a despeito de ver comprometida a sua riqueza com os milhões de rublos gastos na guerra com o Japão e com a indemnisação paga ao adversario, dissimulada sob a designação de despesas com enfermos e prisioneiros, flagelada com a longa lucta civil ainda latente, essa mesma não eliminou ainda do seu orçamento a verba destinada á construção de domicilios confortaveis para as classes trabalhadoras, diligenciando assim adoçar a vida do pobre, proporcionando-lhe um elemento precioso para o desenvolvimento das suas forças fisicas pela hi-

giene e a diminuição do custo da vida, diferença que derivará para a melhoria da sua alimentação.

E, como nestes dois paizes, em outros se olha com atenção para o assumpto, compreendendo se justamente que uma nação não pôde ser forte quando constituída por fracos.

Em Portugal, não têm estas questões de pri-

macial importancia merecido dos governos uma séria atenção.

Definha-se a olhos vista uma população inteira, diremos mesmo um paiz inteiro; é visivel a desproporção entre os encargos de cada um e a exiguidade dos seus proventos; e, não só não se procura atenuar o mal, mas ainda com uma atroz indiferença, deshumanamente, se prosegue num



IMAGEM DO SENHOR DOS PASSOS DA GRAÇA

O ultimo turno de irmãos que velou a imagem na noite de quinta para sexta feira: srs. D. Antonio Pereira da Cunha Lobo e Costa; D. Miguel Vaz de Almada; D. Antonio Maria Sampulo de Mello e Costa; D. Nuno de Noronha (Vagos); D. José de Carvalho Daun e Lorena (Pombal); Visconde de Santarem.

(Fotografia do sr. Alberto Lima, feita na igreja de S. Roque, ás 2 horas da noite, a luz de magnésio)

crescendo de imposição, de sacrificios, num continuo agravamento dos impostos existentes, directos e indirectos, e na criação de outros novos, como se o povo visse num mar de venturas, elle, o triste, que desde muito não tira do trabalho sequer o sufficiente para uma alimentação e confortos que obstem ao seu estiolamento.

Tem-se dito e redito que a abolição dos impostos do consumo e sobre rendas de casas, impostos exageradamente iníquos, muito contribuiria para reduzir o mal: um barateando a alimentação, o outro a renda da casa, desafogariam sensivelmente a economia da familia, influido com efficacia nas suas condições físicas e diminuindo o numero dos tuberculosos.

O terrível mal prosegue mais ou menos activamente a sua obra destruidora, conforme a constituição da victima de que se apossa, e as condições do seu organismo debil ou resistente. Um organismo fraco é, sem duvida, um excelente campo para a cultura do bacillus destruidor; e fraca é pela deficiencia da alimentação e da moradia, pela ausencia das condições higienicas, a maior parte da população de Lisboa.

Os esforços do medico, a obra beneficente da Assistencia Nacional são, por assim dizer, destruidos por aquellas causas germinadoras do mal.

Se uma povoação fór devidamente saneada, a alimentação dos seus habitantes a que se torna conveniente para o desenvolvimento das suas forças, e a habitação confortavel e higienica, o medico terá menos que fazer e a função dos sanatorios será limitada, comparadamente com os que se destinam a socorrer uma terra como Lisboa, em que o falho de fortuna é depauperado pela alimentação escassa e impura e pela falta de conforto no lar, e, como o rico, pelas emanações delectórias dos bairros velhos, da imperfeição do sistema de exgotos, e do pouco zelo dos seus dirigentes nos cuidados da hygiene.

Não se destróe com uma pennada um mal tão intenso, e de tão fundas raizes. Só uma obra grandiosamente benemerita o poderá conseguir, ao fim de muito tempo; mas bom é que se faça alguma coisa que vá auxiliar o esforço dos medicos e facilitar a missão abençoada que se impoz a Assistencia Nacional.

Entre os varios tributos e contribuições com que a nossa capital ocorre ás necessidades do Thesouro, nenhum é comparavel ao imposto do consumo.

Verdadeira lei da fome, vae ella atacar o contribuinte nas fontes da sua energia individual, e conduzir a collectividade a um deploravel estiolamento fisico, á ruina dos organismos, á diminuição da productividade das massas populares.

O famelico é um doente, um hipocondriaco, um desequilibrado. A fome, a anemia causam a depressão cerebral, destruindo por conseguinte a energia moral, o esforço consciente para não recuar na luta pela vida, o amor ao trabalho, cuja parca remuneração o desgraçado vê esvaír se no sorvedouro insaciavel do fisco, verdadeiro tonel de Danaes nunca repleto, e d'ahi a indiferença moral, a vida da taberna, a crapula, o vicio, recurso final de ignorantes que chegaram ao desespero.

Consome um homem os seus dias e as suas noites em incessante labutar, concedendo ao repouso, ao somno, as curtas horas que de tão porfiado labor lhe ficam livres. Emquanto o animo a esperança de um melhor porvir, alenta-o essa idéa; essa doce esperança dá lhe forças para não desanimar na luta sem treguas. Mas um dia reflecte; reconhece que o organismo depauperado pelo dispendio de tanta energia muscular, de tanta força de vontade, se consome, se esgota, sem a assimilação indispensavel que só pôde obter-se á custa de uma alimentação completa, sã, reparadora. Todavia, para pagar essa alimentação é insufficiente o producto do seu trabalho extenuante. E a renda da casa? E o vestuario? E o resto?

O desgraçado consumiu-se na luta pela vida. A tuberculose, ou o cemiterio; a taberna, ou a Penitenciaria — são estes os dois rumos que, consoante a maior ou a menor resistencia do organismo, segue o infeliz a quem a esperança num melhor futuro abandonou de vez.

E a medicina é impotente para debelar esses dois males.

Que pôde o medico receitar ao ébrio, que só no vinho encontra o esquecimento das suas desditas, como o oriental encontra no opio o sonho delectitoso que lhe amenisa as durezas de uma existencia desoladora?

Como pôde o medico indicar uma therapeutica racional, uma dieta reconstituente, ao infeliz a quem o proprio pão escasseia no lar domestico, onde não entram os ovos, a carne, o peixe fresco, pois são coisas inacessiveis á sua magra bolsa?

Na impossibilidade reconhecida, já sobejamente demonstrada, de resolver satisfatoriamente o problema da miseria, resta um recurso: minorá-la quanto possível.

Ora a abolição do imposto do consumo seria um passo de gigante no caminho da regeneração fisica das nossas classes trabalhadoras.

O imposto de consumo em Lisboa sobreleva a todas as contribuições. A desproporção é aterradora. Ninguem ignora que a contribuição predial, rustica e urbana, tão elevada é na capital portugueza, que não é possível fazê-la render mais senão pelo facto da construção de novos predios urbanos dentro da sua area fiscal.

Pois essa elevada contribuição rende annualmente quinhentos contos. E quanto rende o imposto do consumo? Dois mil e setecentos contos, o que ainda é mais do quintuplo!

A contribuição industrial incide sobre a industria, o commercio, as operações bancarias, vasta materia colectavel, como se vê. E quanto paga a cidade de Lisboa de contribuição industrial? Paga oitocentos e quarenta contos, o que equivale a dizer que o imposto do consumo é mais do triplo da contribuição industrial.

O imposto da transmissão de propriedade, ou seja o seu registro por titulo oneroso ou seja por titulo gratuito, é certamente aquelle que todos nós pagaríamos de melhor vontade. Basta representar um acto inteiramente voluntario da parte do contribuinte. O comprador ou herdeiro de valores immobiliarios, compra ou herda porque quer, porque tem gosto nisso. Representando esta contribuição o movimento de capitaes, a troca de riquezas, o giro dos immoveis, toda a grande actividade do dinheiro emfim, ella seria num paiz bem organizado financeiramente, o fiel da balança da sua riqueza publica. Pois a contribuição de registro por aquelles dois titulos rende, em Lisboa, menos de setecentos e cincoenta contos. Rendendo o imposto do consumo dois mil e setecentos contos, representa este ultimo perto do quadruplo do producto da transmissão de propriedade.

Ha quem diga que Lisboa é uma cidade de ricos. Pois é bom saber-se que, para cada um d'esses ricos ha cerca de onze pobres que mal vivem do seu trabalho. Esta comparação das contribuições dá uma exacta demonstração do facto.

Sabem quanto rende em Lisboa a contribuição sumptuaria? Rende trinta contos! O imposto do consumo rende noventa e tres vezes mais.

Ricos e pobres o pagam. Tresmalho implacavel cingindo com acerasdas malhas o recinto fiscal da cidade, nada escapa á sua acção devastadora. E' a população que se definha nas garras do sequioso vampiro, insaciavel de sangue, sinistro covreiro eternamente ávido de cadaveres.

Nós não estamos no dizer em absoluto que a abolição do imposto do consumo implique uma vantagem ostensiva para a economia do pobre. Muito bem já está dito que o valor venal do alimento pouco soffreria com aquella abolição: mostra-o até a experiencia d'outros paizes. Todavia, muito bom é que por ahi se comece.

Para que a abolição do imposto do consumo verdadeiramente concorresse para o bem-estar das classes trabalhadoras, seria mister que estas preparassem a sua defeza contra o absorvente intermediario, organisando as cooperativas.

E ainda para que a abolição do imposto do consumo e as cooperativas concorressem para a prosperidade do operario — que erradamente anda confundido com os indigentes, seria preciso fazer-lhe a educação pratica sobre a forma de se alimentar, pois está bem provado em trabalhos d'exactidão mathematica que o «operario come muito peor do que pôde gastando muito mais do que deve.»

Ha pois um trabalho complexo a realizar, antes de ser proveitosa a abolição do imposto do consumo: é a propaganda inteligente para a criação das cooperativas, e a divulgação por meio de quadros simples e claros dos principios a que deve obedecer a alimentação racional.

O Estado não deixará de concorrer então a este movimento de regeneração moral, transformando ou abolindo aquelle imposto, com a prudencia e oportunidade que as circumstancias financeiras do paiz hão de ditar.

JOÃO PRUDENCIO.



A Imagem do Senhor dos Passos da Graça

A devoção do Senhor dos Passos é das mais antigas que se praticam em Lisboa, pois data do anno 1587, como se lê no *Mapa de Portugal*

Antigo e Moderno, do padre João Baptista de Castro, a pag. 231, da segunda edição de 1763, onde diz:

«... Porém entre as Imagens de Christo notaveis, que ha em Lisboa, gosa o Religiosissimo Convento da Graça de duas muy respeitaveis: huma he o Santo Crucifixo, o qual dizem fóra trazido ao Veneravel Padre Montoya pelos Anjos, e he tradição antiquissima, que muitas vezes se ouvia estar fallando com o dito padre: a outra Imagem he do Senhor Jesus dos Passos, que tem feito grandes prodigios. Succedeu na sua compra hum mysterio memoravel; porque andando o grande servo de Deus Luiz Alvares de Andrade com o piedoso intento de estabelecer nesta Côte pelos annos de 1587 a devoção dos Passos, como com effeito estabeleceu, veyo a sua casa hum estrangeiro, que trazia varias cabeças de imagens para vender, e entre ellas a devotissima do Senhor Jesus, a qual comprou o dito devoto por tres cruzados, preço com que alguns contemplativos querem que fosse vendido o divino Original. He tida esta Imagem por huma das de mayor veneração, que tem esta Côte, e assim é servida com uma grandiosa Irmandade, em que entra a mayor parte da Nobreza (1).»

Independente de outras origens, que varias tradições dão á imagem do Senhor dos Passos da Graça, é esta a mais corrente, e que determina o principio da sua devoção em Lisboa.

Vae, portanto, para quatro seculos que nesta cidade se venera a imagem do Senhor dos Passos da Graça, que todos os annos, na segunda sexta feira de quaresma, faz sua peregrinação da igreja de S. Roque — onde é recebida na vespera — para a igreja da Graça, atravessando as ruas do centro da cidade, entre os montes de S. Pedro de Alcantara e o da Graça.

Esta devota procissão ainda hoje faz mover toda a Lisboa, que vem assistir á sua passagem nas ruas, onde o povo se aglomera, e pelas janelas das casas que se enchem de senhoras e meninas a gozarem o aspeto do imponente cortejo religioso, quando as não móva a piedade religiosa que impele seu coração.

Muitas procissões tem acabado com o tempo, mas a procissão dos Passos da Graça, resiste inalteravel. E' que faz parte tradicional das devoções mais queridas do povo de Lisboa, que não só corre presuroso á sua passagem, como em todas as sextas-feiras vae em devota romaria até á Graça a beijar o pé ao Senhor.

Esta devota romaria toma maiores proporções durante as horas que a imagem do Senhor dos Passos se demora em S. Roque, e ali vae sempre a familia real beijar o pé, antes da procissão sahir.



O Museu do Exercito

Não largamos de mão este já debatido assumpto, e do Ex.^{mo} ministro da guerra, que actualmente é um dos mais illustrados, dignos e conscienciosos membros do nosso exercito, chamamos a esclarecida attenção, pedindo para que ouça os brados de petição da maioria dos officiaes que reclamam para si direitos e prerogativas, que, sem razão de ser, só tem uma arma, a qual, embora seja digna de todo o respeito, não pôde por si só constituir a nobre e grande familia a quem está incumbida a honra e defeza da patria. O *Museu d'Artilharia* deve ser reorganizado e denominado-se *Museu do Exercito*.

O *Museu do Exercito* é, entre todas as nações cultas, o grande templo ou santuario onde se guardam as reliquias do passado e d'onde irradiam as fagueiras esperanças do futuro; é lá que se devem contemplar os retratos dos nossos heroes, e onde se devem fortalecer e preparar os corações juvenis!

Ha quem julgue, que não é bom methodo para avançar na vida, o parar para contemplar o passado, é verdade que os povos que se conservam immobilizados na orgulhosa contemplação da sua historia estão votados a uma morte certa, pois a divagação pelos cemiterios enche a alma de melancolia e indispe para a acção; mas a contemplação do passado deve servir de ensinamento do porvir.

Como preparar os espiritos?

(1) Cardá, Agiol. Lusit. tom. 2, pag. 409.

O exercito, que constantemente recebe novos elementos, os quaes desconhecem quasi em absoluto a missão que lhe incumbem, deve preparar-se para a assimilação benéfica e proveitosa nas suas fileiras. Os novos soldados que veem reconstituir com a sua possante seiva o organismo enfraquecido, são como as creanças que pouco ou nada sabem dos seus antepassados, e a quem é necessario interessar na sua historia, que é a historia viva da patria, afim de que esses instrumentos inconscientes, se identifiquem no amor d'ella e se preparem para os sacrificios que poderão transformal-os nos heroes sublimes que no futuro a hão de engrandecer!

E' em presença das recordações historicas que os novos, admirando os feitos gloriosos de que foram capazes os seus antepassados, podem ter a consciencia do seu valor. Mas é necessario para que se consiga o fim desejado que as cousas esquezam bem preparadas e que hajam guias instruidos e experimentados para dirigirem neophitos.

Agora que os recrutas estão prestes a rectificar o seu juramento de fidelidade, e que a maioria não comprehende a solemnidade do juramento nem o motivo da sua afirmação, deveriam ser preparados pelos sargentos e estes pelos officiaes por meio de conferencias, singelas historias do passado e exemplos de valor, e muitas d'essas palestras deviam ser feitas deante das reliquias d'esse passado para melhor comprehensão e efficaçaz proveito. Não somos só nós que assim pensamos. Diz um jornal militar francez a proposito d'essas conferencias e visitas:

«En présence des souvenirs héroïques, nos recrus prendront conscience de leur valeur. A voir les différentes phases de siècles, ils comprendront que les temps ne sont pas révolus, qu'il faudra bien que la destinée de la France s'achève et qu'il lui reste de grande chose encore à accomplir dans tous les domaines où s'exerce l'activité humaine.

Mais pour que cette visite atteigne le but fixé, il faut qu'elle soit préparée et conduite par des guides expérimentés. Il n'en a pas toujours été ainsi. Au lieu de soldats attentifs derrière un guide avisé il nous a été donné de voir — et non sans tristesse — des débandades d'hommes errant au hasard, passant sans tourner la tête devant le manteau d'Austerlitz ou l'épée de Marengo et stationnant longuement dans les salles d'éthnologie devant les accoutrements des guerriers de la Malaisie. Nous avons entendu des sous-officiers faire d'in vraisemblables récits devant les reliques du passé.

Les conférences préliminaires que fait tous les ans le général Nioux à ceux qui dirigeront les visites devraient être suivies principalement par des commandants d'unité. Les capitaines peuvent s'en remettre à leurs lieutenants et à leurs sergents des détails de l'instruction et du service, mais ils ne peuvent pas, croyons-nous, abandonner une parcelle de leur plus belle mission: former le coeur de leurs soldats et développer en eux les qualités morales qui font les forts et les victorieux.»

Mas para isto é necessario, antes de tudo, que não hajam emulações descabidas e que todos estejam em sua casa com os mesmos direitos, onde contemplem fraternalmente as sagradas reliquias que a todos pertencem.

Por ultimo, direi que não basta dar ao Museu d'Artilharia o nome de Museu do Exercito, é necessario dar-lhe tambem meios para viver, é urgente cuidar a valer da sua conservação, que está descuidada, ignorando-se até os processos para esse fim empregados, e é preciso classificar os diferentes objectos para que sirvam de estudo, ordenando-os systematicamente por periodos e épocas historicas, não alimentando vaidades, dando ás salas nomes que cousa alguma representam; n'uma palavra, deve-se transformar o Museu n'aquillo que deve ser o Templo glorioso da Patria e a Alma do Exercito!

RIBEIRO ARTHUR.

Inauguração da Secção Oceanográfica no Museu da Liga Naval Portuguesa

E' relativamente moderna a fundação da sociedade denominada Liga Naval Portuguesa, cujo fim principal que se propoz foi o de levantar do abatimento a que tanto chegou a nossa marinha mercante, como a de guerra.

Este problema é muito complexo pelas varias causas que tem influido para o aniquilamento em que a marinha se encontra, e quanto é preciso trabalhar para vencer as dificuldades que se opõem ao seu resurgimento.

Entretanto, não é pouco o que a Liga Naval Portuguesa já tem realizado, e muito poderá conseguir, continuando no seu proposito, a influir junto dos poderes publicos e da iniciativa particular, que mais póde coadjuvar aquelles, pois é preciso que o povo portuguez se convença que é elle o principal motor do progresso moral e material do país, o que aliaz assim é em toda a parte, e que aos governos compete auxiliar todas as iniciativas uteis dentro dos limites de seus recursos.

A Liga Naval Portuguesa é uma aspiração justa, como o tem sido a Sociedade de Geografia de Lisboa; é até, por assim dizer, o complemento desta ultima, cujos serviços que tem prestado a Portugal são incontestaveis. O lema da Liga Naval, *O futuro de Portugal está no mar*, exprime bem os fins deste instituto, que para o mar dirige as suas atenções como os antigos portuguezes para elle as dirigiram, nas audaciosas empresas com que engrandeceram a estreita terra que lhes foi berço. Destruíram as lendas dos mares tenebrosos, cortando os impavidos com as quilhas de suas caravélas. Conquistaram novos mundos e devassaram á Europa as riquezas da sua flora, das suas minas, da sua fauna, manancial que revolucionou as ciencias, as industrias, o trabalho, inaugurando uma nova era de progresso que até hoje vem abrindo caminho, e os primeiros obreiros d'esta grande obra foram os portuguezes que a procuraram para além dos mares.

E' logico o lema da Liga Naval Portuguesa, mas impõe responsabilidades que não podem ser descuradas, embora com grande esforço de trabalho. Assim, vae construir edificio proprio, onde possa estabelecer um Museu Nacional de Marinha, Escola de pilotagem, Armazens maritimos e commerciaes, um *sailors' home*, Instalações apropriadas a satisfazer as exigencias de representação do porto de Lisboa, Capitania do porto, etc.

A falta de edificio proprio não impediu, porém, de inaugurar em parte das salas do palacio Palmella, ao Calhariz, onde agora está instalada, a secção oceanografica, a obra predileta do falecido rei D. Carlos, o qual em sua vida, concedera á Liga Naval a honra de ella poder instalar nas suas salas aquella secção, logo que tivesse edificio apropriado.

Essa concessão feita em vida por El rei D. Carlos, foi acatada por seu filho e por sua viuva, que, no empenho de não occultarem ao publico essa preciosa coleção oceanografica de tão util estudo, permitiram a sua instalação nas salas da Liga Naval, apezar de não serem ainda as do edificio proprio projectado.

A inauguração, que se realisou em a noite de 17 do corrente, revestiu a solemnidade de uma sessão real, com a assistencia de Sua Magestade El Rei D. Manuel II, Sua Alteza Infante D. Afonso e seus camaristas e ajudantes. Compareceram o ministerio, membros do corpo diplomatico, muitos convidados e socios da Liga com o presidente sr. conselheiro Jacinto Candido, que em nome de El-Rei abriu a sessão e deu a palavra ao vice-presidente sr. Pedro Diniz.

O illustre official da armada discursou largamente sobre o assunto, sendo por muitas vezes suas palavras cobertas de aplausos, exaltando os nossos feitos do mar, a valia dos nossos dominios ultramarinos e a necessidade impreterivel de desenvolver a navegação e marinha portugueza. No final do seu discurso pediu a El-Rei para que fôsse dado o nome de D. Carlos á Secção Oceanografica cujas salas iam ser em breve franqueadas ao publico.

El-Rei leu então um discurso historiando a nossa vida maritima, quanto ella nos engrandeceu, e se do mar nos tinha vindo nossa maior gloria, pelo mar voltariamos a engrandecer-nos. Aos estorços da Liga Naval se deve já o desenvolvimento que a marinha mercante vae tomando, e isso se traduz tambem do desenvolvimento do commercio. A Liga Naval torna-se credora da confiança do publico, e como provado apreço que lhe merece, ahi está a confiar-lhe a guarda e conservação do estudo e trabalho de tantas horas de seu sandoso pae, em prol da ciencia.

Prolongados aplausos acolheram o discurso de El-Rei.

Falaram depois os srs. Alberto Girard que colaborou com El-Rei D. Carlos nos seus trabalhos oceanograficos, e Pereira de Mattos que discursou brilhantemente sobre o assunto.

A Secção Oceanografica D. Carlos I ocupa as salas do lado O. e parte das de S. no andar nobre. Por mais de uma vez o OCCIDENTE se tem

ocupado desta preciosa coleção, que ora vae estar exposta ao publico e que na exposição de Milão de 1906 alcançou o primeiro premio de grande medalha de ouro.



A Exposição das provas escolares dos alumnos da Academia de Belas-Artes de Lisboa

E' esta exposição a primeira que abre a serie das que vão haver em Lisboa, quando o inverno bate em retirada e no ar se pressentem os primeiros assomos da primavera.

Uma exposição de estudos não desafia a critica e pretencioso seria fazel a com tal proposito.

E' simplesmente uma demonstração do trabalho e aproveitamento dos estudantes num determinado espaço de tempo.

Sob este ponto de vista, a exposição que ora se apresenta ao publico, merece ser vista e apreciada pelos que seguem de perto os progressos que a Arte vae fazendo entre nós, graças ao professorado academico melhor orientado na direcção dos estudos, e ainda, o que é mais importante, ao decidido empenho de bem ensinar e crear artistas, o que em outras eras passadas não acontecia, fazendo os que sabiam mais, misterio e segredo do seu saber.

Hoje, a par dos processos de ensino mais intuitivos e praticos, ha mais sinceridade nos professores, instigando os estudantes mais inteligentes e que revelam mais aptidão, e disto resulta, que nas ultimas exposições de provas escolares se apresentam estudos, que bem podiam passar por obras acabadas e completas de artistas feitos.

E' isto um progresso grande se nos recordarmos de alguns annos atraz, e tanto basta para nutrir fundada esperanza de que uma escola portugueza de pintura e escultura se está formando em Portugal, com todo o caracter da nossa indole, do nosso ceu, da nossa paisagem incomparavel.

E' a impressão que nos ficou da rapida visita que fizemos hontem ás salas da Academia, por onde, modestamente se agrupavam os estudos de esculptura, de pintura, de architectura, de desenho do gesso e do modelo vivo, dispostos em boa ordem e em relativa quantidade.

Pela razão apresentada logo no principio destas linhas, não destacaremos nenhum dos estudos expostos; não desejamos desanimar uns nem fazer perder outros. E' cedo para criticas; os professores lá estão para encaminhar os discipulos conforme as aptidões que lhes reconhecerem. Nada de desorientar ou envaidecer quem segue seu caminho. O que tiver talento ha de chegar ao fim a que aspira; o que fór menos dotado ficará na mediania de seus modestos recursos, como acontece por todo esse mundo, onde não se fabricam genios por mais que a critica amiga os pretenda forjar.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O Marechal Massena

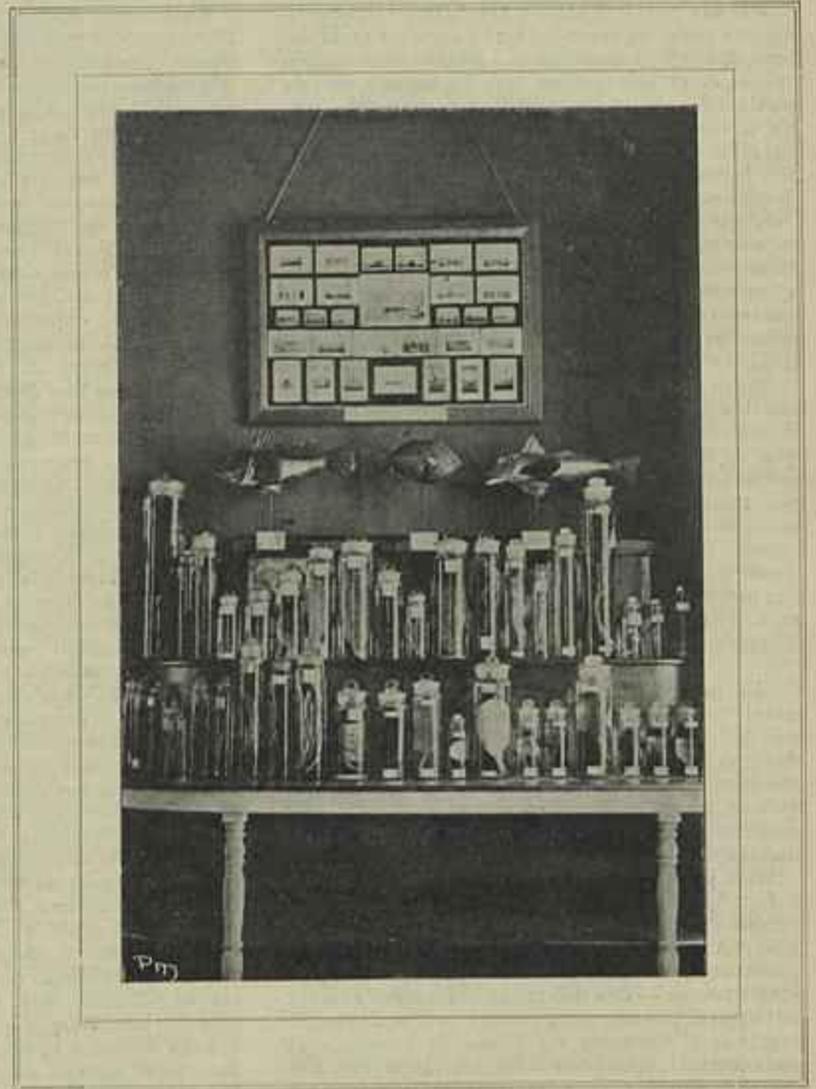
(Continuado do n.º 1121)

Quando pelo contrario Bonaparte é feliz nas suas guerras; a politica que d'ellas se deriva é a mais miseravel e grosseira possivel; a prova d'isto, marechal, a tendes em tudo o que tem feito para cá dos Pyreneos; não vos falarei da maneira atroz e impolitica, com que pertendeu usurpar a Hespanha e Portugal; do erro que cometteu, dando aquella tempo de pegar em armas, organizar governo e exercitos; mas sim do que actualmente está obrando na Hespanha. Vós sabeis, melhor do que eu, que Bonaparte contra as mesmas leis, que ora lhe apraz sancionar, ora destruir, tem desmembrado a Hespanha, pondo á testa das provincias, que elle julga conquistadas, governadores que só devem dar contas a elle Imperador dos francezes, entretanto que José e seus mãos em nada são contemplados: estes governadores são outros tantos régulos secundarios, que nada mais lhes importa que acabar de destruir a provincia que governam e pagar por meio de extorções as tropas que sustentam o seu governo: julga-se no seu *Poleiro* tanto como José no seu *Serralho*; e se este tinha a temer até aqui os

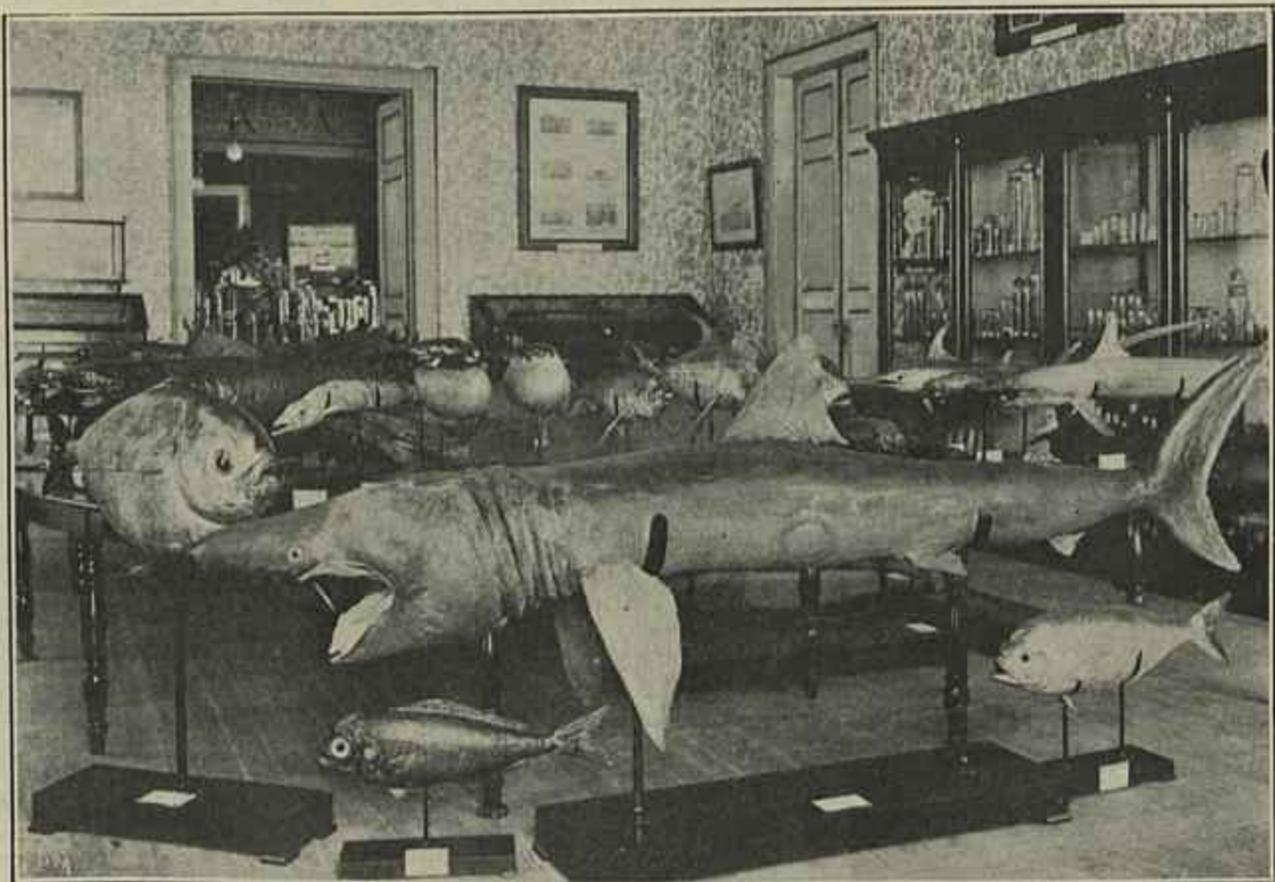
Inauguração da Secção Oceanografica no Museu da Liga Naval Portuguesa



EL-REI D. CARLOS



COLEÇÃO DE ABYSSAES E AMOSTRAS DA FAUNA PLANKTON, ETC.

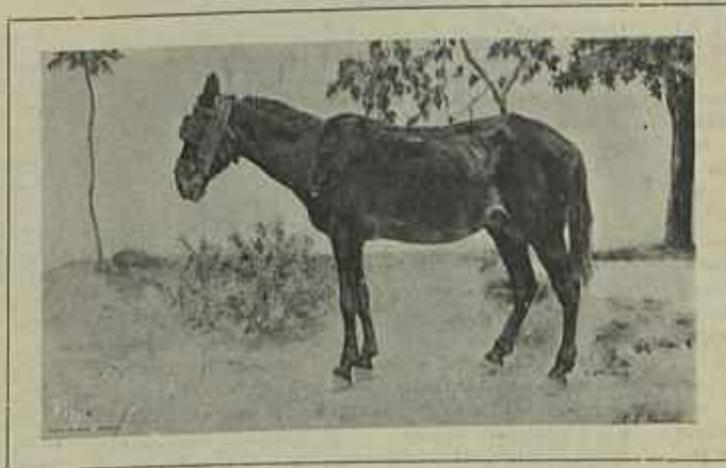


ESQUALOS DAS GRANDES PROFUNDIDADES DO MAR E SPECIMENS COSTEIROS, HABITANTES DAS COSTAS DE PORTUGAL.

(Clichés Alberto Lima)

Exposição de provas escolares dos alumnos da Academia de Belas Artes de Lisboa

que elle chama com bastante *píleria corsica* insurgentes, tem agora de mais que contemporisar com estes novos Vice-Reisinhos, que tendo sido todos *villões ruins*, agora com a vara na mão se tornárão de uma insolencia tal, que a nada ha que se compare fóra do *circulo napoleónico*. N'este estado de coisas falta necessariamente a unidade de planos; supponhamos (e tomara eu que se realisasse) que Pepe *leva pelas ventas* defronte de Cadiz, necessita de reforços frescos e instantaneos, manda-os pedir, por exemplo, a Regnier, este responde, que tem ordem do seu Imperador para não pôr pé fóra do seu governo, nem dar tropas, que lhe são necessarias para o sustentar; então o bom Pepe vae bater a outra porta, *verbi gratia*, á de Suchet, recebe d'este a mesmíssima resposta, e n'este jogo do *empurra* consomem-se semanas e talvez mezes; e o tal Pepe é obrigado a mendigar auxilios dos que deviam ser seus vassallos, se elle fosse real e verdadeiramente Rei. Vós mesmo, meu Vice-Rei *in voce*, sede commigo sincero, se o *Josésito* vos pedisse que fizesses com o vosso exercito uma diversão em seu favor, não lhe responderieis com um redondíssimo *Senhor não*, accrescentando, *que se elle é Rei das Hespanhas e India, vós igualmente sois, ou estaes para ser* (que vale o mesmo por uma ficção em direito do



ESTUDO DO SR. ABEL DOS SANTOS
PRIMEIRO CLASSIFICADO NO CONCURSO AO PREMIO «ANUNCIAÇÃO»

codigo de Napoleão) Vice-Rei de Portugal e dos Brazis.

Eis pois um effeito da politica do Imperador dos francezes, e com ella semêa o germen da discordia entre os proprios Generaes francezes, e paraliza todas as operações militares, por falta de intelligencia e união nos que devem mandar ou obedecer.

E que me direis á outra do tal *excelso* politico, de mudar e substituir generaes por generaes, qual será o resultado d'esta *delicada manobra*, em que apparecem e desaparecem generaes como n'uma *Camara optica*; vós o sabeis melhor do que eu cem vezes, desgostos nos que foram recambiados, vendo se reduzidos a nulidade, receio e muita *somma* de *João Mendes* nos que veem rende-los; a consequencia pois que salta aos olhos d'esta nova ordem de coisas, a falta d'aquelles *golpes de mão*, unicos que tem feito ganhar victorias aos francezes, e que todo o general que pretende hoje conservar-se na peninsula, deve evitar cuidadosamente, para não arriscar acções, cujo exito é incerto. Vós, marechal, sois actualmente uma prova viva d'esta verdade; porquanto tendo chegado a Valladolid a 5 de Maio, tereis deixado passar dois mezes até á época em que vos escrevo, sem terdes atacado o exercito Anglo-

Luso, se não temesses a sorte de Jourdan e Victor.

Mas se a unica continuada paciencia dos hespanhoes em soffrer antes, do que submeter-se, e a constancia n'unca desmentida em se levantarem onde houverem forças francezas que os cohibam, equivale a grandes exercitos, e unica bastaria para conquistar-lhes tarde ou cedo sua independencia; que se deve esperar, Massena, existindo



UM ASPETO DA EXPOSIÇÃO

(Fotografias Benoliel)

exercitos, e *fervilhando* por toda a parte as terríveis partidas dos patriotas? Tem-se, é verdade, dito muito mal dos exercitos de Hespanha, não me admiro da maneira ridicula, com que os tendes tratado em vossas gazetas; esse é o vosso costume, seja qualquer a Nação a que ellas pertençam: mas o que me tem escandalizado é ter ouvido outro tanto da boca dos homens, que dizem detestam Bonaparte e os seus sequazes; da boca dos homens, que por cumulo de infamia nunca saíram de seus lares, e de que se perderam já todas as esperanças não só de se lhes ver derramar o sangue pela salvação da patria, mas de contribuirem por outro qualquer sacrificio para esta a mais sublime de todas as obras; estes homens, repito, que detesto tanto, se é possível, como se fossem francezes, infestam os logares publicos, acham-se em todos os ajuntamentos, e desanimam por suas indecentes, mas capciosas *imprecações* as boas intencções dos verdadeiros patriotas.

Hespanhoes, recebei um testemunho publico da minha admiração, que sendo dado por um individuo que se julga verdadeiro Portuguez, não deve suscitarse da sua lisonja; se na minha patria, por fatalidade, existem alguns homens assaz injustos, e cegos de uma baixa e vil paixão, para chamarem traidoras vossas tropas, traidor vosso governo, falsa vossa conducta, e isto somente sem outro mais leve motivo, se não porque vós sois hespanhoes, e elles se dizem portuguezes; e que de mais a mais já possuem o *vandalismo francez* de mofarem sobre vossos reveses, destruição de cidades e villas, não respeitando nem ao menos o direito sempre sagrado, que tem á compaixão humana todo o individuo infeliz; crê-me que existem tambem outros, e felizmente é o maior numero, que confessam dever em grande parte a vossos esforços a liberdade de que gosam as provincias portuguezas. Seculo de contradicções, injustiças e resentimentos particulares, perverteu-se de todo a moral, *poz-se á ordem do dia* a mentira, a maldicencia *officiosa*, e todos os torpes vicios, que caracterizam o homem *civilisadamente* corrompido!!!

Vós deveis ter admirado esta minha digressão *affoguada*; o que disse era forçoso dizê-lo, pois asseguro-vos que se houvesse tanto em Portugal como em Hespanha ponderante numero dos taes *vociferadores*, mudos por natureza nas acções, *surdos* por systema ás vozes do patriotismo, que tudo acham mal feito, só porque elles nada fazem, então de certo a Hespanha estava ha muito tempo conquistada; e que seria, Massena, de Portugal?

Tenho-vos fallado de exercitos, é justo que vo los dê a conhecer: dispensei por um momento os cuidados da grande tarefa, em que vos absorve o arranjo do vosso exercito, que sem duvida, fique aqui entre nós, não julgaveis nem tão mal provisionado, tão pouco numeroso, nem que tivesse a medir-se com um inimigo tão forte; (logo lá voltaremos) e vinde commigo sem cerimonia, nada de farda de marechal, nem de Vice-Rei futuro o *manio real*, em mangas de camisa, que faz agora grande calma, e lancemos uma vista de olhos sobre a peninsula; transportemo-nos á Catalunha; puchae pelo vosso óculo, affirmac-vos bem, que vêdes? Arrepiam-se-vos os cabellos! Ficaes *estatico*! Valor, Massena, um general intitulado o *filho bem querido do Deus Marte*, não deve mostrar susto, nem enternecer-se; sei o que vêdes, para isso vos conduzi aqui: montões de cadaveres francezes servem de muralha á immortal Gerona; por todos os valles reconheceis ossamentos humanos; das montanhas rolam caveiras; os rios vomitam sobre suas margens milhares de corpos corrompidos; é toda esta provincia um vasto *cemiterio*; de balde procuramos habitantes nas suas moradas, ou cultivando os campos, todos pegados em armas, lá os vemos commandados pelo brioso e intrepido O'denell, formando um grande exercito, contra o qual não tem podido alcançar vantagens decisivas quantos generaes Bonaparte tem enviado para o subjugar.

Aqui já vêdes, meu Massena, que não é possível reinar em boa paz, o governo da Catalunha não pôde servir a francez algum. Vamos ao reino de Valencia, tudo aqui parece socego e tranquillidade, não julgaveis por isso que está conquistado, os valencianos arrojarão ha pouco dos seus muros para longe os francezes, que ousaram avisinhar-se; o intrepido general Caro os perseguiu para além d'este reino: Valencia não pôde ser conquistada, é já a segunda vez que lança fóra os vandalas modernos.

Bem sei o que quereis, escusais de acotovelarme; eu vos faço as *vontadinhas*, vamos vêr Aragão.

Estaes contente? como não encontraes com a

vista um exercito hespanhol, julgaes Aragão francez: marechal *imperialmente illudido*, não quero recordar-vos os 50:000 homens, que Saragoça custou á França; mas espraiae bem a vista por todo o reino; vêde o terreno que pisam os *Imperiaes e Reaes* disputado por partidas patrioticas, e as villas e aldeias, onde não existem camisolas; retumbando com o nome de Fernando VII. Meu Vice-Rei e Principe desenganae-vos, que os hespanhoes se familiarisaram já com a desgraça, pouco mais podem ser desgraçados do que têm sido, as esperanças que têm de vêr-vos primeiro desanimar em vossas conquistas, do que elles desalentarem na sua porfia, os anima e consola, e é justamente quando um povo inteiro chega a este estado de coisas, que quadra bem o que Bonaparte disse aos polacos: *uma Nação que quer ser livre o é necessariamente*. Escuso de vos cançar com a viagem de Navarra, Biscaia, Castella-a-Velha, Leão, etc., vamos a pé e vós estaes costumado a andar de sege; além de que, se os patriotas nos bispassem, que seria, principalmente de mim, chamavam-me *Jacobino*, por acompanhar com um francez, e não passaria bem: n'aquellas provincias observariamos o mesmo que no reino de Aragão, evitemos pois o cançasso de uma jornada tão comprida. Vamos ás Andaluzias, vós julgaes que tudo ahí está acabado, que o Rei Pepe as governa branda e serenamente, outro engano, meu Vice-Rei, tudo o mesmo que em Aragão, com a simples differença de existirem n'ellas exercitos hespanhoes e Anglo Lusos; Cadiz e a ilha são e serão dos hespanhoes; n'estas duas enexpugnaveis posições existe o Governo, e seus melhores exercitos; e para que matarmos com discussões, o irmão do vosso imperador invadiu fóra de tempo e com pouca tropa as Andaluzias; eram necessarios pelo menos mais 30:000 homens; porque pouco fez; e expoz-se a grandes e funestas consequencias; se não tomou Cadiz e surpreheu Badajoz, hoje os principaes baluartes da liberdade hespanhola: d'esta sorte ei-lo obrigado a ter pelo menos 30:000 homens defronte da ilha e de Cadiz, enquanto o resto, que seriam algum dia outros tantos, vão perecendo em combates parciais, ou na serra de ronda, ou na Granada e Murcia, como vos pôde informar o general Sebastiani, e ainda melhor o general hespanhol Freire; ou na alta Andaluzia, como Mortier pôde instruir-vos, e Ballestero e Copons superiormente ensinar-vos.

Emquanto ao resto, a esta hora deveis saber que o general Reigner, cujo corpo de Exercito pertence ao vosso commando, está reduzido na Extremadura a fazer expedições de *papança*; em vendo tropas, fôge; em sabendo que um cordeiro ou novilho tranquillamente pastam descuidados, avança o seu exercito e *bifa-os*; é forçoso dar a cada um o que lhe pertence; direi pois altamente, que ninguem até aqui tem possuido na mais alta perfeição a desconhecida *tactica militar* de fazer com vantagem a guerra aos bois, touros, porcos, carneiros; e muito de esperar, e brevemente o leremos na *Gazeta de Madrid*, que o rei Pepe o nomeie *Arqui-capinha mór* da sua *côrte ambulatória*.

O general Marquez de la Romana manda um exercito de 30:000 homens, vós sabeis, pelo que vos deve ter dito esse Ney, que lá tendes debaixo das vossas ordens, apezar de ser marechal como vós, que tal é este general, escuso de me estender mais. As Asturias não estão ainda conquistadas, a Galliza está intacta e tem 40:000 ou mais manebos pegados em armas. Finalmente a Hespanha está como sempre esteve com exercitos, partidos e governo; e o que é melhor, cada vez mais firme no odio, que uma vez consagrou a tudo o que cheirar a *francez*; e vai então no meio de tudo isto, e do mais que me terá esquecido dizer, vindes vós de caso *pensado e rixa velha* para conquistar Portugal, como quem diz a *Hespanha já calhu*. Dai-me licença para n'este sitio me assoar, não quero com a força do riso salpicar esta carta. Conquistar Portugal! Vós ignoraes sem duvida o que isso significa em bom Portuguez *quinhentista*, quer dizer senhorear-se da Lua; ora o vosso grande astronomo de *Laplace* havia de chamar-vos *foi* se tal proferissemos diante d'elle, logo que poderei eu e os bons portuguezes chamar-vos? Perdoai, se não tiro a conclusão, custame muito, ainda com toda a razão, chamar nomes a ninguem.

Passemos, que já é tempo, á segunda parte da minha proposição, isto é, a demonstrar o quanto é absurdo querer conquistar Portugal antes de Hespanha; confesso vos ingenuamente, que me vejo obrigado a morder os beiços para escrever sobre este assumpto, sem desatar ás gargalhadas.

(Continúa.)

Pratica de autopsias.—Technica e Diagnostico

Trazido foi ultimamente a lume pela emprehedora e acreditada livraria Ferreira, Editora, da rua do Ouro, o 1.º volume de uma nova e relevantissima obra do sr. dr. João Alberto Pereira de Azevedo Neves tendo por titulo *Pratica de A autopsias*. — *Technica e Diagnostico*.

Constitue tomo de 450 paginas a que se seguem 69 estampas illustrativas do texto, e quer na composição d'este e no delineamento e execução dos desenhos d'aquellas, quer na impressão de umas e outras, foi posto todo e o maior cuidado e sollicitude para que a obra, em seu habito externo, fosse e ficasse perfeitamente acabada, e bem logrado foi isso podendo dizer se sob os indicados pontos de vista, e ainda com relação ao papel em que é tirada um verdadeiro primor.

Sendo assim, como ao primeiro lance de olhos se apura, percorrendo se as paginas do precioso tomo, facil e instinctivamente é verificado, ainda pelos mais leigos na sciencia medica, que o valor intrinseco do novo trabalho do sr. Azevedo Neves, em todo o modo corresponde ao tão levantado quão merecido conceito que elle tem sabido e conseguido grangear, no meio scientifico do nosso paiz, pelos tantos e tão valiosos estudos e dissertações que tem escripto e publicado sobre muitos dos problemas e casos cuja resolução e nitida comprehensão mais de perto interessam aos progressos da medicina.



DR. AZEVEDO NEVES

E de facto assim é que o mais incontraditavel e incontestavel testemunho dá este ultimo trabalho do distincto profissional, de que a sciencia medica, a que tão devotadamente se tem, desde que começou o seu curso na Escola d'esta cidade, consagrado, continúa a merecer-lhe o mais fervoroso culto, e a mais acrisolada applicação, não só em estudos, experiencias e pratica de laboratorio, necroterio e de clinica, mas ainda nos de seu gabinete e escrivania.

Vae com onze annos que conheço o sr. Azevedo Neves, e tantos ha que o tenho acompanhado com olhos sempre presos e interessados pela muita sympathia e admiração que lhe voto, em seu constante avançar e progredir nos vastissimos dominios da medicina, e isto sem um esmorecimento ou desfalecimento, sempre suggestionado e animado pela ideia de que desempenha um sacerdocio, e que em bem o fazer deve pôr todas as suas forças.

Nos principios d'esses annos limitou se elle quasi que tão sómente a ser um professional, todo entregue á sciencia, por pura e incondicional consagração a esta, cultivando-a e professando a como o mais fervoroso de seus apóstolos.

Nos ultimos, e por vezes o incitei eu a fazê-lo, bem tendo podido avaliar e alcançar sua virtuosidade therapeutica, tem-se dedicado tambem á clinica, quer no Instituto Pasteur, de que é conspicio director, quer em sua clientela particular, e cabalmente evidenciando o bem que a natureza o fadou e o quanto o estudo e pratica das cousas o hão habilitado, acrisolando seu talento, para vir a ser, como já o começa em grande escala, um dos primeiros entre os profissionaes medicos de Lisboa.

Real Teatro de S. Carlos



CARMEN TOSCHI

NOTAS LYRICAS

S. Carlos

Gioconda, com a cantora portugueza Judice da Costa — Estreia do tenor De Tura — A *Manon* pela cantora Carmen Toschi e tenor Carpi, a *Wally* com Clara Joanna — As irmãs gêmeas Morini.

Era esperada com natural anciedade a primeira da opera *Gioconda*, em que reaparecia a cantora portugueza Judice da Costa. Já ha muito tempo estava o seu lugar marcado no nosso theatro lyrico, mas como na nossa terra nunca se faz o que se deve, só agora, graças á boa vontade dos srs. Anahory e Machado, tivemos o prazer de a ouvirmos em S. Carlos!

A illustre cantora, que tem uma gloriosa carreira artistica, deu nos uma *Gioconda* magnifica, como voz e como parte dramatica. Esta personagem coaduna-se com o seu temperamento artistico demasiado dramatico, e assim a sua *Gioconda* agradou sem favor ouvindo-se toda a noite quentes applausos.

O ultimo acto foi detalhado optimamente, recebendo uma grande ovação.

A sr.^a Hotkovska deu-nos uma *Laura* em extremo correcta, sendo applaudida no duetto do 2.^o e 4.^o acto.

Mantelli, uma *cega* que agradou sem favor, pois que esta illustre cantora revella sempre a sua escola.

O barytono Nani foi um *Barnaba* de boa voz, detalhando correctamente a ingrata personagem. O monologo do 1.^o acto, que é sempre cortado, foi cantado por Nani na integra, valendo-lhe applausos.

O tenor Georgi, sempre artista correcto, assim como o baixo Dammaco que agradou no seu pequeno papel.

O tenor De Tura, novo para S. Carlos, fez a sua estreia na *Gioconda*. E' artista que possui boas notas agudas; foi applaudido no fim da *romança* do navio e nos fins dos actos.

A *Manon* de Massenet, essa renda de melodias que é sempre um verdadeiro encanto ouvir, encontrou na joven cantora Carmen Toschi uma interprete maravilhosa. Toschi, que além de ser uma artista formosa e elegante, possui uma linda voz, cantou a *Manon*, dando-lhe todo

o colorido que requer a *heroína* do Abbade Prévost. Foi applaudida, apesar de estar em frente d'uma platéa tão pouco prodiga em applausos.

O tenor Carpi, revela-se sempre o fino cantor que sabe usar da voz com uma arte extraordinaria! O *sonho* do 2.^o acto foi cantado bellamente, sendo obrigado a bisar-lo no meio d'uma grande ovação.

O barytono Rossi, fez o que poude e foi pouco.

Muito bem o baixo Dammaco.

Com a partida da cantora De Lerma, ouvimos a *Wally* com a soprano dramatico Clara Joanna, que a tem cantado em Italia inumeras vezes. Cantou o papel de *Wally* com o colorido dramatico que o papel requer, recebendo muitos applausos e especiaes chamadas. Vê-se que conhece bem a opera, fazendo uma interpretação completamente diferente!

Breve teremos n'este theatro mais uma opera nova, a *Hansel e Grätel* de Hupferdink, compositor allemão de talento. Para esta opera foram contractadas pela empreza as irmãs gêmeas as sr.^{as} Morini, que passam em Italia por serem as unicas interpretes d'esta opera! Pelos jornaes que temos á vista, vêmos que são duas artistas ainda jovens mas que possuem já uma brilhante carreira lyrica, tendo já cantado nos principaes theatros de Italia. Aguardaremos as suas estreias.

A. PINTO (SACAVEM).



Impressões

Por Alfredo Pinto (Sacavem)

Impressões, é um livro fóra do vulgar, visto que trata os assumptos com a crueza da critica independente e desapaixonada, ora dizendo com



MARIA MORINI



JEANNE MORINI

ter occasião para o fazer, que a execução material da obra, como já em começo o rasierei, honra a *Typographia do Annuario Commercial*, de cujos prelos sahida, e bem e afortunadamente se pode dizer que no estrangeiro se não obteria execução mais perfeita. Honra, pois, á mesma typographia que bem a merece.

Lisboa, 29 de dezembro de 1909.

RODRIGO VELLOSO.

verdade a impressão que feriu a sua sensibilidade artistica, ora tecendo o elogio correcto, que lhe mereceram os artistas que levaram ao termino da Arte o seu desempenho, e a sua harmonia.

Nas paginas das *Impressões*, apparece o espirito d'um entendido, d'um artista, que não mendiga o favor d'uma entrada para dizer com a altivez, os defeitos ou os encomios que merecem uma audição de musica ou um desempenho scenico.

E' um livro unico no seu genero, e que nós

Real Teatro de S. Carlos

archivamos para de futuro consultar, com saudade, épocas em que tenham passado sobre o scenario rico de S. Carlos, os choros e os risos das operas gigantescas de Leroux até Strauss e de Massenet ao Wagner harmonioso.

Seguem-se vinte tres artigos, analogos, ligeiros da vida diaria e consagrações aos que partem para além-tumulo; e em todos elles o seu auctor nos mostra a sua fina observação de ideal e realista, desde a paixão de Berlioz, até á degradação baixa e infame das bachanthes, em noite de arraial, em cidade civilisada.

O unico defeito que essas paginas possam ter, é terem sido transportados os artigos do jornal, sem uma revisão e sem uns córtes, que elles precisavam no começo e fins d'uns artigos escriptos a todo o vapor.

E' bello, sim, vêr sempre reunidos os artigos em que o nosso espirito se firmou de momento. São recordações que trazem ao leitor amigo saudades daquellas noites em que nosso espirito se elevou nas regiões da Arte.

Por isso, o livro *Impressões* do sr. Alfredo Pinto é um caleidoscopio por onde passam mil figuras e que todos devem lêr e apreciar serenamente com a justiça que merece.

VENTURA L. ABRANTES.



PUBLICAÇÕES

The Boa Entrada Plantations S. Thomé, Portuguese West Africa—La perle des Colonies Portugaises—Translated from the original portuguese, by J. A. Wyllie, F. P. G. S., Lieutenant, indian army—Edinburgh and London, Oliphant Ander son & Ferrier, 1907.

É uma interessante monografia da roça *Boa Entrada*, propriedade, em S. Thomé, do sr. Henrique de Mendonça, e dedicada á Sociedade de Geografia de Lisboa.

Só agora nos chegou ás mãos este importante trabalho, vertido em inglez pelo tenente-coronel do estado da India inglesa sr. J. A. Wyllie, e que ainda ha pouco esteve em Lisboa, onde foi entrevistado por alguns jornalistas da capital, sobre as condições do trabalho dos serviços contratados para a cultura do cacau em S. Thomé.

As declarações do sr. Wyllie são já conhecidas do publico, pois foram publicadas nas folhas diarias de maior circulação, e é certo ellas serem de todo o ponto favoraveis á fôrma como ali são tratados os serviços, o maior desmentido á guerra que os chocolateiros ingleses estão fazendo ao



O TENOR CARPI

cacau português de S. Thomé, alcunhando-o de *cacau escravo*.

De fôrma positiva e irrefragavel se demonstra, na monografia a que nos estamos referindo, quanta má fé envolve essa guerra que os chocolateiros ingleses estão levantando, em que seguramente os não movem sentimentos de humanidade para com os serviços, pois não tem isso fundamento, mas sim promoverem, acaso, uma baixa no preço do cacau, a qual venha a reverter em seu proprio interesse.

A monografia da roça *Boa Entrada*, roça modelar, como a maioria das de S. Thomé, é um trabalho consciencioso, fazendo a historia das culturas daquela provincia, desde os fins do seculo xviii, sendo a cultura do cacau ali introdu-

zida em 1822, desenvolvendo-se, depois de violentas crises por que passou, em 1870, em que a produção foi em sucessivo crescimento até ao presente, como se demonstra nesta monografia com dados estatisticos, que bem mostram a riqueza da cultura assim como os grandes conhecimentos tecnicos do autor.

Isto se demonstra nas 64 paginas de texto, seguidas de 33 de estampas, representando diferentes vistas da propriedade *Boa Entrada*, culturas, plantações, habitações dos trabalhadores, oficinas, hospital e enfermarias, grupos do pessoal, vias ferreas, ponte de embarque do cacau, etc., etc.

Em Inglaterra não será desconhecido este livro, propositadamente publicado em inglés para mais facilmente ali ser lido, mas não é por ignorancia que os chocolateiros ingleses pecam, mas por outros motivos faceis de avaliar desde que se trata de especulação comercial.

Ao sr. Henrique de Mendonça agradecemos a oferta desta monografia.

Materia social e literatura, por D. Francisco de Mello e Noronha—Lisboa, 1910—Composto e impresso na Imprensa Lucas.

É este o titulo de um volume de 120 paginas, cujo sumario é o seguinte: *Problema fundamental—Miséria humana—No Socialismo—A Questão religiosa—Heptágono literario—Trio filosofico*. Os assuntos que ficam referidos são tratados com a proficiencia já reconhecida no autor, como conhecida é dos leitores do OCCIDENTE, onde D. Francisco de Noronha tem colaborado com interessantes artigos literarios, alguns dos quaes fazem parte do livro agora publicado, e que revelam a grande erudição do autor, firmando os seus juizos e reforçando suas opiniões nas melhores fontes do saber.

Este livro é dedicado por D. Francisco de Noronha á memoria de sua filha D. Maria da Luz de Noronha, uma interessante menina de 18 annos, que a morte lhe roubou ha um anno.

O Colonial—Defensor da causa ultramarina—Semanao independente—Diretor e redator principal, Prazeres da Costa.

Reappareceu, agora, depois de algum tempo de interrupção, este semanario que, como o seu titulo e sub titulo indicam, se dedica á causa ultramarina. Este numero, que é o 21, além de muitos outros artigos de interesse, publica uma biografia e retrato do actual ministro da marinha sr. conselheiro Azevedo Coutinho.

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

Grande novidade em photo-oleographia, ou photographia, colorida a oleo por um processo moderno

Especialidade em retratos de creanças

REPRODUCCÕES—AMPLIAÇÕES

Trabalhos fóra do atelier

Photographias de animaes, Paisagens, Jardins, Interiores, etc., etc.

PREÇOS CONVIVATIVOS

Lisboa—Rua do Loreto, 43—Lisboa

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras, homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida—A. I. Horton—56—Rue Carvès—Grand Montrouge (Seine) France.

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na côr para collecções

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis